

CONTINUAÇÃO DA PÁG. B1. Pela primeira vez o alagoano Jonathas de Andrade tem trabalhos expostos em sua cidade natal; radicado no Recife, o artista fala à Gazeta sobre o que o motiva a produzir

“RESPONDO ÀQUILO QUE ME EMOCIONA”

Para Jonathas, criar tem a ver com cegueira, com impulso

CARLA CASTELLOTTI
REPORTER

Na foto, um garoto galopa sobre um cavalo. Na legenda, lê-se: “Agora”. Este é apenas um dos 60 cartazes criados por Jonathas de Andrade em *Educação para Adultos*, obra que integra a mostra itinerante do Prêmio Marcantonio Vilaça 2011-2012, aberta à visitação na Associação Comercial de Maceió. Na instalação, o artista alagoano que vive no Recife usou como base os cartazes que o educador Paulo Freire (1921-1997) desenvolveu nos anos 1970, num método até então inédito para a alfabetização de adultos.

Sutil, a provocação da obra de Jonathas não parece levantar uma bandeira direcionada. Cabe ao espectador fazer sua interpretação. Ainda em *Educação para Adultos*, por exemplo, vê-se o ex-presidente Lula de umbigo de fora. Na legenda, lê-se “Nordeste”.

Filho de uma pedagoga, Jonathas, que se formou em Comunicação Social, conta que sua passagem pelo curso de Direito foi decisiva. Depois do contato com matérias como sociologia e política, ele começou a fotografar. E é justamente por meio da fotografia que ele procura criar boa parte dos seus trabalhos. Em Maceió, quatro deles podem ser vistos. Além de *Educação para Adultos*, estão expostos *Abertura de uma Casa*,

2em1 e ainda o mais recente *HoyAyer*.

Variados, os temas abordados por Jonathas surgem de suas inquietações. Ele conta que a escolha de um conceito capaz de nortear uma obra acontece “meio no escuro, mas às vezes é certo, sei lá como”, despista. Certo mesmo é que suas obras têm chamado atenção – e não é de hoje.

Após ser “descoberto” no SPA das Artes, no Recife, em 2006, Jonathas foi trilhando seu caminho, conseguiu emplacar individuais em espaços como o Itaú Cultural, até que *Educação para Adultos* foi selecionada pelo curador Paulo Herkenhoff para integrar a Bienal de São Paulo, em 2010. Alçado ao posto de artista revelação, em 2011 Jonathas foi um dos finalistas do prêmio Pipa, láurea que distribui os mais altos valores a artistas no Brasil.

Mesmo assim, somente agora Jonathas expõe em Maceió, que é sua cidade natal e onde viveu até os 18 anos de idade. O artista falou à Gazeta via e-mail e contou um pouco de sua trajetória, do seu processo criativo e da circulação da arte contemporânea no país. A conversa você confere a seguir.

Gazeta. Jonathas, você se formou em Publicidade e Propaganda. Diria que a predileção pela fotografia, suporte que pautou a maior parte de seus trabalhos, teria se originado daí?

Jonathas de Andrade. Sempre tive um interesse disperso nas artes e levei certo tempo até me entender como artista. Procurei o curso de Comunicação Social depois do curso de Direito, onde tive contato com sociologia, política, movimentos sociais e algumas primeiras lições de como e até onde funciona a justiça no Brasil. Interrompi o curso, mas foi uma formação importante. Paralelamente, comecei a fotografar. Depois, em Comunicação, tive contato geral com história da arte, ferramentas de criação de imagem, e com amigos fizemos um grupo de experimentação em vídeo e fotografia que me absorveu completamente, me ajudando a esclarecer minha até então confusa relação com a arte. Concluí o curso com meu primeiro projeto autoral, já envolvendo a relação entre fotografia, textos e arquivos, que me acompanhou em vários trabalhos que desenvolvi depois.

No catálogo do Prêmio Marcantonio Vilaça, o curador Paulo Herkenhoff diz que sua poética assume uma posição combativa. Você concorda com isso? Pretende levantar uma bandeira com o que cria? Respondo e atendo àquilo que me inquieta e me emociona; que me seduz e me desconcerta. Tem a ver com cegueira, com impulso, então nem sempre consigo acertar a boca do desejo. É meio no escuro, mas às vezes é certo, sei lá como. Não sei se é combativo o nome disso...



JONATHAS DE ANDRADE
ARTISTA PLÁSTICO

“Acredito que existem possibilidades para o artista insistente e inteiro em sua pesquisa e produção”

Ainda no material do catálogo do Marcantonio Vilaça, você afirma que chega à arte não por escolhas, mas por falências de outras tentativas. E diz que trata o que produz com certa inevitabilidade. Como é seu processo de ir em busca de um tema, de um conceito para a sua obra?

Coleciono objetos que me chamam atenção. Papéis, documentos, imagens, arquivos, coisas que as pessoas jogam fora, funcionamentos e estruturas que estão mudando ou sendo descartados. Geralmente tem a ver com meus interesses e podem ser ponto de partida para articular os pensamentos mais urgentes no momento. Às vezes é uma edição destes materiais, noutras vezes misturo com imagens e textos que produzo, e em outros casos extraio deles um modo, estéticas ou metodologias que me orientam numa experiência, prática ou tarefa inventada, que é o jogo de cada projeto.

Só agora, depois de já ter trabalhos expostos na Bienal do Mercosul, na Bienal de São Paulo, no Itaú Cultural e na Galeria Vermelho, você tem trabalhos expostos em Maceió, sua cidade natal. A circulação da arte, sobretudo da arte contemporânea, ainda é muito limitada no país?

Acho que sim. Muito da arte produzida no país circula majoritariamente no eixo São Paulo-Rio, quando não permanece no lugar de origem. Mas é claro que programas como os da Funarte, as bolsas, os salões de arte de todo o país, os prêmios e programas de mapeamento artísticos furam essa concentração/tendência histórico-econômica e promovem movimentações que trazem surpresas importantes. Acredito que existem possibilidades para o artista insistente e inteiro em sua pesquisa e produção.

Você esteve na abertura da exposição *Ciscos*, de Pedro Lucena, aqui em Maceió, não foi? O que você achou do que viu no cubo branco da Pinacoteca?

Achei bonita a exposição, e gostei dos desenhos do Pedro.

Hoje, você vive exclusivamente da sua arte? Ela é também, digamos, o seu ganha-pão?

Sim, depois de um tempo de resistência, hoje vivo inteiramente do meu trabalho – ainda bem. ◻

Raio-x de Jonathas de Andrade

• **Jonathas de Andrade** [Maceió, 1982] vive no Recife

• Trabalha com instalações, vídeos e fotopesquisas

• **Exposições:** 12ª New Museum Triennial, 12ª Bienal de Istambul, 7ª Bienal de Sharjah, 32ª Panorama da Arte Brasileira, 29ª Bienal de São Paulo [2010], 7ª Bienal do Mercosul [2009]

• **Individuais:** Instituto Itaú Cultural e Galeria Vermelho [São Paulo]; Furnas Cultural [Rio de Janeiro]; Instituto Cultural Banco Real e Fundação Joaquim Nabuco [Recife]

• **Residências:** Gasworks, Londres; Townhouse Gallery, Cairo

• **Prêmios:** Future Generation Art Prize [shortlist], Prêmio Marcantonio Vilaça, PIPA [finalista], Deutsche Borse Prize [nominated]